

ABERTURA

José de Souza Martins e a poética do fazer sociológico

OPENING

José de Souza Martins and the poetics of sociology making

Antonio Motta

Universidade Federal de Pernambuco

Há nomes que, por sua notável contribuição intelectual, acabam se confundindo com o próprio campo disciplinar ao qual se veem vinculados. Um deles, seguramente, é o de José de Souza Martins para a Sociologia ou as Ciências Sociais no Brasil.

Ocorre que o professor Martins – como é geralmente conhecido – pertence à terceira geração de sociólogos formada pela Universidade de São Paulo (USP), legatária, de certo modo, da chamada “Escola Paulista de Sociologia”, fortemente influenciada por Florestan Fernandes. Sua formação inicial foi marcada por um contexto intelectual no qual se estabeleceram critérios e padrões científicos nos estudos sociais no Brasil.

Para Florestan – uma das mais importantes referências intelectuais de José de Souza Martins –, a obrigatoriedade da pesquisa empírica legitimaria a conjunção entre a prática da sociologia, enquanto disciplina científica, e os processos de transformação social no Brasil contemporâneo. Com efeito, o ideal de uma sociologia enraizada nas singularidades brasileiras, altamente comprometida com as contradições profundas de sua história, era praticamente premissa dominante entre os jovens pesquisadores que se achegaram ao Florestan catedrático, responsável pela Cadeira de Sociologia I, durante o decênio de 1950 e meados de 1960.

Foi quando, em 1961, José de Souza Martins ingressou no curso de Ciências Sociais, na Rua Maria Antonia, em São Paulo. Socializado no meio rural e compelido ao trabalho operário desde a infância, Martins tem em comum com Florestan o fato de que ambos ascenderam à universidade pública mais por méritos pessoais

do que por incentivo familiar. É que ambos possuíam uma origem social humilde, em que a dificuldade logo se impôs como obstáculo a ser vencido. Entre percursos e percalços, Martins soube converter sua trajetória de vida não apenas em rica experiência pessoal mas, sobretudo, intelectual. O mundo adverso, que lhe fora precocemente revelado, talvez tenha nele despertado a vocação para o autodidatismo e, portanto, para a independência nas escolhas temáticas e nas travessias pouco convencionais a realizar no campo da pesquisa.

A prova iniciática se deu quando escolheu a Sociologia Rural como objeto de investigação, seguindo na contracorrente das tendências dominantes na época. Isto porque eram as macro-questões econômicas, políticas e sociais que dominavam o tom do debate, no grupo de Florestan. No repertório, um dos *topoi* mais recorrentes era entender e explicar as resistências à modernização e as mudanças na sociedade brasileira, bem como sua contrapartida: o Estado, os movimentos sociais, a classe operária, o empresariado, o sindicalismo e outros segmentos participativos da vida pública e política do país.

Conta Martins que Florestan foi reativo quando soube que o aluno queria revisitar o caminho da roça, onde havia passado a sua infância. O mundo rural, ao que parecia a Florestan, não sugeria avanço nas questões prementes sobre a modernização da sociedade brasileira, tema este que mobilizava a maior parte das discussões acadêmicas, no curso de Ciências Sociais da USP.

Contrariando essa orientação, o certo é que José de Souza Martins avançou em outras direções compreensivas da realidade nacional, notadamente ao eleger o mundo rural não como um fim em si mesmo, mas como ponto de partida metodológico e de mediação empírica para o entendimento de processos bem mais complexos que envolviam as próprias dinâmicas do capitalismo no Brasil. Partia, assim, do pressuposto de que, no mundo rural, se revelavam ritmos e tempos históricos diferentes daqueles comumente atribuídos à modernização racional do capital, sem que para isso fosse necessário recorrer à dicotomia clássica entre rural e urbano enquanto realidades antagônicas e independentes.

O tratamento crítico que soube imprimir às suas reflexões permitiu-lhe ultrapassar e ampliar o conceito de rural, na medida em que, para ele, esse mundo ressoava também no urbano, seja sob formas mais ou menos evidenciadas, ou por meio de sobrevivências residuais implícitas. De certa maneira, isso se deu em decorrência

da modernização acelerada que se impôs na vida das populações do campo, mas acarretando para elas, em compensação, perdas irreparáveis e problemas sociais diversos.

Resulta dessa fase inicial a publicação de sua tese de mestrado, apresentada em 1966, na USP, sob a orientação de Florestan, e publicada em 1967, intitulada *Conde Matarazzo - o Empresário e a Empresa (Estudo de Sociologia do Desenvolvimento)*. Durante os decênios de 1970 e 1980, vem a lume a produção mais voltada para o campesinato, o que o identifica até hoje a essa temática. Em 1973, aparece *A Imigração e a Crise do Brasil Agrário*; em 1975, *Capitalismo e Tradicionalismo (Estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil)*; em 1978, *Sobre o Modo Capitalista de Pensar*; em 1979, o já clássico *O Cativo da Terra*. A década de 1980 se inicia com a publicação de *Expropriação e Violência (A questão política no campo)*; em 1981, *Os Camponeses e a Política no Brasil (As lutas sociais no campo e seu lugar no processo político)*; em 1984, *A Militarização da Questão Agrária no Brasil (Terra e poder: o problema da terra na crise política)*; em 1986, *Não Há Terra Para Plantar Neste Verão (O cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo)*; também em 1986, *A Reforma Agrária e os Limites da Democracia na "Nova República"*; em 1989, *Caminhada no Chão da Noite (Emancipação política e libertação nos movimentos sociais do campo)*; em 1993, *A Chegada do Estranho*; em 1997, *Fronteira - A degradação do Outro nos confins do humano* e em 2000, *Reforma Agrária: o Impossível Diálogo*, entre outros.

Sem dúvida, em sua ciclópica obra, as referências ao mundo rural não deixam de ser abundantes e se fazem presentes em diferentes contextos de análise, mas de modo especial através da proposição inventiva de conceitos e categorias analíticas que têm provocado, ainda hoje, o debate e a renovação crítica tanto da Sociologia quanto da Antropologia Rural no Brasil. Por outro lado, seria um equívoco restringir a importância de José de Souza Martins apenas ao estudo da Sociologia Rural no Brasil, e a ele atribuir este como seu único mérito intelectual, quando se sabe que sua contribuição é bem mais rica, complexa e abrangente.

Ao contrário das grandes interpretações, que dominaram amplamente a produção sociológica do chamado grupo de Florestan, Martins começou desde cedo a privilegiar pequenas unidades empíricas, temas e recortes específicos, preferindo ocupar-se mais

frequentemente de análises monográficas, nelas conferindo atenção especial aos aspectos etnográficos advindos da pesquisa de campo.

É nessa fase que emerge o gosto pela temática da vida cotidiana. No início da década de 1990, Martins publica *Subúrbio (Vida cotidiana e História no subúrbio da cidade de São Paulo)*; em 2000, *A Sociabilidade do Homem Simples (Cotidiano e História na Modernidade Anômala)*; em 2008, *Sociologia da Fotografia e da Imagem*, e, também em 2008, *A Aparição do Demônio na Fábrica (Origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário)*. Concomitantemente à publicação de livros, escreve inúmeros artigos em periódicos e também organiza coletâneas, a exemplo de *A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira*, em 1983; *(Des)figurações - A vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole*, em 1996; *Vergonha e Decoro na Vida Cotidiana da Metrópole*, em 1999; *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais*, em 2005. Nesse ínterim, retoma novamente algumas questões anteriores, mas a partir de outras perspectivas de entendimento, como *O Poder do Atraso (Ensaio de Sociologia da História Lenta)*, em 1994, e, em 2002, *A Sociedade Vista do Abismo (Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais)*.

E aí se entrevê uma de suas faces menos visíveis, o gosto pelos interstícios, ou seja, por aquelas camadas sombrias da vida social: zonas quase impenetráveis, movediças, cuja porosidade é própria da matéria dos sonhos, dos mistérios, da morte e de suas aparições, de lembranças e de esquecimento, da linguagem muda do silêncio.

Mas é também nos interstícios do (in)visível onde se encontra o tempo dos ciclos: o tempo das chuvas, o tempo do plantar e do colher; o tempo das festas sagradas e profanas; o tempo do convívio e da partilha; o tempo de espera, tempos de devoção e de fé. É também o tempo dentro das casas e o tempo nas ruas; entre o tempo da ida e o tempo da volta; entre o tempo do sono e o tempo do sonho, a hora matinal do despertar. É o tempo no ônibus, o tempo na fábrica e da rotina da fábrica; tempos de intermitências: do compasso prosaico e lento das horas que só mesmo o tempo e a experiência cotidiana é capaz de suscitar.

Talvez seja por isso que José de Souza Martins nunca tenha se deixado seduzir pelas explicações das grandes estruturas, nem dos sistemas, tampouco pelo corolário baseado nas relações de poder, em que os indivíduos eram vistos e pensados apenas como meros receptáculos — o que levou muitos de seus colegas sociólogos a

acreditarem que aquilo que precedia e o que sustentava os indivíduos no tempo e no espaço deveria ser explicado, unicamente, pelo sistema.

Ao contrário, o que sempre lhe motivou foi interrogar a história, suas temporalidades fragmentárias e residuais, próprias do que se convencionou definir como modernidade; assim como suas particularidades no tempo e no espaço, buscando tornar visível a presença de indivíduos quase invisíveis, mas reais, de carne e osso, na busca do sentido e significado de suas ações. Àquilo que Robert Musil, escritor austríaco, autor de *O Homem sem qualidades*, referiu como sendo aqueles indivíduos imersos numa vida ordinária, corriqueira, quase sem graça e que não se fazem notar, que “gostam de tudo o que podem tocar com os dedos”, alcançar com as mãos, mas são tão absolutamente indivíduos particulares quanto é possível ser. É quando então se revela mais a sensibilidade do Martins antropólogo — que, aliás, nunca deixou de ser — do que a do sociólogo de formação, em busca de regras gerais para a explicação de fatos sociais.

Sobre esse último aspecto, convém ressaltar que a originalidade de seu método reside na pesquisa de campo, sempre referenciada pela observação acurada *in situ* e nos fatos etnográficos, miúdos, aparentemente insignificantes, mas que, para ele, em última instância, são capazes de revelar a verdadeira trama de sentido daquilo que se oculta na realidade social.

Em um determinado momento de sua formação intelectual, as leituras sistemáticas de Henri Lefebvre e, também, de certo modo, de Roger Bastide, tiveram uma importância seminal no processo construtivo de sua reflexão, pois, através delas, pôde perceber a importância da vida cotidiana, de indivíduos imperceptíveis para a grande maioria dos sociólogos, de suas relações prosaicas e repetitivas, onde na maioria das vezes os processos sociais se deixam ocultar. Deste modo, Martins foi capaz de antever e de interpretar fenômenos socioculturais pouco considerados ou até reputados como irrelevantes, especialmente se tomados do ponto de vista do gosto macrosociológico imposto pela academia.

É verdade, também, que para José de Souza Martins essa superação se deu na esfera da pesquisa sociológica, ao introduzir outras formas de sensibilidade que soube tão bem apreender e compreender através do olhar e não por meio da abstração de modelos cognitivos, apriorísticos, extraídos da pura teoria social, dissociados da realidade a que se propunha a pesquisar.

Suas múltiplas vocações levaram-no a traçar um percurso intelectual multifacetado, com incursões profundas em diferentes campos temáticos, que vão desde os estudos sobre o mundo rural até incursões pela temática do cotidiano e da imagem, passando por outras expressões menos evidentes, como a autobiografia e o ensaísmo diverso, o que se pode comprovar em suas inúmeras crônicas semanais, publicadas em jornais, entrevistas e imagens fotográficas realizadas por ele próprio, que revelam sua paixão pela arte da fotografia. Embora cada um de seus trabalhos preserve suas individualidades, eles não deixam de se complementar harmonicamente no conjunto geral sobre o qual se assenta o substrato de sua caleidoscópica obra.

Finalmente, o homenageado neste dossiê é autor de uma vasta obra que ainda carece de uma discussão e revisão crítica aprofundada. Muita coisa resta a ser escavada e compreendida em meio à monumental bibliografia de José de Souza Martins, sempre *work in progress*, e que, neste ano, comemora 75 anos de uma bela e rica trajetória intelectual devotada à sociologia.

Acrescenta-se a tudo isto a preocupação de nosso homenageado para com a imaginação estética, sempre atento ao diálogo poético no processo de criação, o que para ele constitui uma das principais tarefas do sociólogo, ou seja: “que possa reconhecer no outro não a dureza da coisa, mas a poesia do afeto pela condição humana. E que a dialética do método está na busca e na descoberta da poesia da vida, pois sem ela a sociologia não é mais do que um sofisticado engano”.

O que ora apresentamos é um dossiê em homenagem a José de Souza Martins. A intenção não foi traçar um cartografia completa de sua obra, mas focalizar apenas uma de suas faces menos visíveis: a poética do fazer sociológico. Na primeira parte, o esboço de figura, do homem, do professor e do intelectual que ele é. Trata-se de entrevistas concedidas por Martins e aqui reunidas sob a forma de esquetes autobiográficos. A segunda parte do dossiê é composta por depoimentos daqueles que tiveram a oportunidade de com ele conviver enquanto alunos e, posteriormente, como colegas. Já a terceira seção, traz um ensaio fotográfico de Martins, o que revela mais um de suas facetas: o gosto e a paixão pela fotografia e que dialoga

com toda a perspectiva conceitual e estética do dossiê. A penúltima seção é composta de estudos para Martins, alguns deles escritos por amigos e admiradores cuja diversidade temática reflete as afinidades eletivas do homenageado. Finalmente, a última parte é dedicada a um primeiro levantamento desse vasto mapa que é sua bibliografia. Como convém ao gênero desta publicação, o dossiê foi organizado à inteira revelia do homenageado, o que explica inevitáveis omissões na lista dos colaboradores.